

AVINHÃO.

AVINHÃO é uma cidade singular, que tem conservado quasi integralmente o seu aspecto na idade media; as muralhas que ainda lhe restam parece que não existem senão para protege-la de uma surpresa da civilisação moderna; nas suas ruas tortuosas a cada passo se encontram nichos com imagens nos angulos das casas; sombrios palacios feudaes abrem de tempo a tempo as pezadas portas para dar saída á sege de algum cavalleiro melancolico. Nos bairros que não são animados pela industria, cresce herva pelas calçadas. É a terra dos penitentes, das confrarias, dos asceticos, das ceremonias religiosas, tudo grave e austero na exterioridade. Nos dias festivos quebra-se o usual silencio com uma bulha de sinos, que faz ensurdecer. Não ha em toda a França terra na apparencia mais devota. Por aquelle estrondo de campanarios facilmente se reconhece a antiga capital dos papas, quando o scisma fez que houvesse a um tempo dois pontifices. A séde pontificia esteve em Avinhão por 68 annos desde Clemente V, que os nossos leitores conhecem pelos artigos ácerca dos templarios, até Gregorio XI, isto é, desde 1309 até 1377. Ainda os esforços do tempo e do aspero *mistral*, vento assolador, particular á Provença e ao Languedoc, não poderam destruir o palacio torreado que mandou edificar o papa João XXII; o tumulo gothico d'este acha-se hoje em meio das ruinas do templo de *Nossa Senhora des Dons*, onde entre outras curiosidades se nota uma capella da Sancta Virgem, cercada de soberbas peças de architectura que formam paineis em relevo; a abobada d'esta capella

serviu de modêlo á do Pantheon de Paris. No meio d'esta cidade monacal é facil de comprehender o terror de um viajante do qual se conta que, levado a casa do *mairc* para se examinarem os seus papeis por causa de suspeitas, perguntou afflicto se os gendarmes o conduziam aos calabouços da inquisição.

Ha comtudo outra parte da cidade, na qual parece viver-se sob o dominio de outras preoccupações; vêem-se por toda a parte botequins, lojas e casas á moderna, n'uma palavra a vivacidade e movimento da civilisação. *Cicroni* esfarrapados vos perseguirão para ir mostrar a casa em que morou Laura, tão celebrada pelo Petrarcha, ou a famosa fonte de Vaucluse, que dista cinco ou seis leguas, onde parece que retumbam os echos das canções d'aquelle poeta celebre. Nos bairros d'esta parte da cidade ruas mais largas e mais arejadas que na outra são habitadas por negociantes ricos, porque ha annos que uma lembrança ministerial fez de Avinhão uma das cidades mais commerciantes do reino, em razão das suas vastas tinturarias; ali tingem as calças para todo o exercito francez: a granza ou ruiva deu-lhe vida e riquezas.

O caracter do provençal de Avinhão póde dividir-se em duas partes bem distinctas como a cidade que habita: uma pertence á industria, aos instinctos da civilisação considerada em relação á politica; outra talvez a mais curiosa, representa a influencia do passado historico e geographico. Além de que, esta grande divisão moral não é mais que a lucta entre o presente e o passado, que se observa a cada passo e sob mil fórmias differentes em toda a Provença.

VOL. I. — FEVEREIRO 27, 1847.

Apesar do grande numero de mulheres bonitas, apesar da passagem frequente de todas as diligencias do sul, e não obstante o movimento de muitas fabricas, Avinhão é uma cidade triste. Para espriar os olhos e o coração é necessario passear nos arredores: pelas margens do Rhódano e do Durance se apresentam prados viçosos, dilatadas ceareas, e ricos pomares; o clima é benigno e o torrão fecundo.

COLOMBA.

Romance da Corsega.

Povera, orfana, zitella,
Senza cugini carnali! —
Ma per far la to vendetta.
Sta siguru, vasta anche ella.

Lament. funch. de Niolo.

V.

A RAPARIGA, depois de olhar fita alguns minutos para della Rebia, disse:

— “Onde vai, Orso Anton? O seu inimigo está perto, não sabe?”

— “Qual inimigo? que é d'elle?”

— “Orlanduccio espera-o. Volte, volte já.”

Orlanduccio era o filho mais velho do velho advogado Barricini.

— “Está bom. Por que lado foi?”

— “Pelo mesmo por onde vai Orso Anton?”

— “Obrigado!... Adeus!”

E chegando as esporas ao cavallo, correu ligeiramente para o sitio que a rapariga indicára.

A paisagem, no principio, tirava até a idéa de uma emboscada. Era chão nú, unido, sem moitas nem balseiras. Mas logo adiante desenrolavam-se campinas viçosas de cultura, tapumes de sebes, e castanheiros colossaes, plantados irregularmente. O caminho aqui trepava em ladeira empinada. Orso apeou-se, deitou as redeas sobre o pescoço do cavallo, e começava a subir, quando, a vinte passos d'uma sebe, á direita, viu scintillar de repente o cano d'uma espingarda apontada para elle, e apparecer atraz uma cabeça quasi rente com a aresta do muro. A clavina abaixou-se, e Orso conheceu Orlanduccio com o dedo no gatilho. Della Rebia n'um instante se pôz em defeza, e ambos, com as armas em pontaria e a mão prompta a desfechar, cruzaram a vista accessa de raiva entre pungente commoção, que estremece o coração do mais valente na hora suprema do perigo.”

— “Covarde!...” gritava Orso. Ainda não acabara, já a chamma tinha fuzilado do cano da espingarda de Orlanduccio. Ao mesmo tempo partiu outro tiro da esquerda, da parte opposta, disparado por homem que não apercebera encoberto com um paredão. Ambas as balas acertaram. A de Orlanduccio passou-lhe o braço esquerdo, descoberto no apontar. A outra bateu no peito, queimou o fato, e por felicidade achatou encontrando o ferro do estilete, fazendo só uma leve contusão. O braço ferido descaiu frôuxo sobre a perna, e a espingarda dois ou tres segundos se inclinou desamparada. Mas, invocando toda a energia, Orso, segura a arma só na mão direita, desfechou sobre Orlanduccio. A cara d'este, aonde só os olhos se divisavam, sumiu-se immediatamente. Virando depois á esquerda, della Rebia disparou o outro tiro n'um homem, ainda rodeado de fumo, que mal se distinguia. Esta segunda figura tambem desapareceu. As quatro detonações reboaram com in-

crível rapidez; e á ultima o mais profundo silencio reinou nas solidões circumvisinhas. O fumo subia lento ao céu, em quanto detraz dos muros nem se ouvia ruido ou signal que demonstrasse vida. Se não tivesse a dôr do braço, para lh'o lembrar, Orso diria que eram phantasmas aquelles sobre que tinha desfechado.

E o padecimento crescia. Receiando novo ataque de inimigos cobertos com as sebes, della Rebia buscou o abrigo d'um muro, pôz no chão o joelho direito, e descansando no outro o braço ferido, aproveitou o esgalho d'uma arvore meia queimada para pousar a arma. Assim ficou immovel com o dedo no gatilho, os olhos cravados nas sebes, e o ouvido afiado á escuta, alguns minutos que se lhe affiguraram seculos. Emfim de longe sôou um grito, e logo depois um cão, descendo o morro com a velocidade da setta, parou defronte d'elle affagando-o com mostras d'alegria. Era Brocco, o lebréu dos salteadores, que lhe vinha anunciar a chegada do terrível Brando, o pai da rapariga creada por Colomba. Com effeito elle não se demorou em sair d'entre um cerrado de arbustos.

— “Aqui! sou eu, Brando!” exclamou o tenente.

— “Está ferido, Orso Anton? perguntou o bandido ainda suffocado da carreira. É no corpo?”

— “Não. É no braço.”

— “Ah! não é nada então. E o outro?”

— “Creio que lhe acertei.”

Brandolaccio, seguindo o cão, foi á primeira sebe, e debruçou-se para olhar para dentro. Apenas olhou, tirando o barrete, exclamou:

— “Boas tardes, Sr. Orlanduccio! — E voltando para Orso com outra cortezia: — aqui está um homem que não se ha de queixar — isto chama-se fazer as cousas com aceio.”

— “Ainda vive?” perguntou della Rebia com sobresalto.

— “Nada! D'essa o livrou a balla que lhe furou o olho... mas vamos ver mais. Oh lá!... e esta? Dois coelhos da mesma pancada!... bem se vê que está cara a polvora.”

— “Mas o que é?”

— “É... o diabo. Que bonita noite terá hoje o velho Barricini... ambos mortos!”

— “Pois Vicentello tambem?...”

— “Tambem. É morto deveras como o senhor seu mano Orlanduccio. Ficou de joelhos, a rezar... Safa! dois tiros d'estes! Nunca mais pego em clavina.”

E rasgando-lhe a manga da sobrecasaca com o punhal, Brandolaccio principiou a curar Orso. No meio, levantando a cabeça e no tom mais natural do mundo perguntou:

— “E agora para onde vai Orso Anton?”

— “Para onde hei de eu ir, Brando?”

— “Ou para o matto ou para a cadeia. Ora como um della Rebia não vai nunca á cadeia, segue-se que foge para o matto... Sabe que mais? de longe, quando ouvi *pim! pim!* disse comigo: adeus; lá se foi o tenente com mil demonios! mas d'ahi a nada retine-me ás orelhas *boum! boum!* Ah! então é outro caso — como ladra a cadella ingleza sempre quero saber em que altura estamos...”

— “Elles é que atiraram primeiro.”

— “É verdade. Conheci pelo calibre da arma... Vamos lá; antes de partir, Orso Anton, deite-me sempre os olhos á sua obra... veja-me os dois... diabo!”

Della Rebia, sem responder, cravou as esporas no cavallo — todos os thesouros do mundo não o resolveriam a pôr a vista nos infelizes a quem roubára a vida.

Brandolaccio tambem se fingia mais forte do que na realidade estava. No fim não se poudo conter e desabafou:

— «Orso Anton', disse elle pegando-lhe na redea, quer que lhe diga o que sinto? Tenho dó d'estes pobres rapazes. Perdõe. Eram tão moços, tão bellos que faz pena, coitados! E verdade que sua alma sua palma, mas, emfim, custa, não o nego! Orlanduccio ainda não ha quatro dias que me deu um maço de cigarros e caçou comigo a manhã inteira. E Vicentello, tão alegre sempre!... Levaram a paga que mereciam. Sempre foi um tiro de mestre!... mas apesar d'isso... emfim, paciencia! Que se lhe ha de fazer.»

E com esta oração funebre, guiando Orso, e precedido pelo seu cão Brusco, Brando principiou a sua jornada para o matto.

DOS MEIOS QUE OS HOMENS TÊM JULGADO PROPRIOS PARA SE LIVRAREM DOS RAIOS.

A LITTERATURA grega nos iniciou completamente nas idéas dos antigos philosophos ácerca da causa do raio; porém mui summaria e imperfeitamente nos indicou dois ou tres meios preservativos. Refere Herodoto no liv. 4.^o, cap. 98, que os thracios costumam, quando ha relampâgos ou trovões, disparar settas contra o céu para o ameaçar.

Note-se bem que o auctor grego diz para o ameaçar. N'esta passagem nem se allude a que a setta, por ser de metal e ter ponta, poderia roubar ás nuvens algumas parcellas de materia fulminante; por isso o proprio Dutens, esse admirador fanatico da antiguidade, receiou assemelhar as flechas dos thracios aos guarda-raios modernos, e subir com a invenção do apparelho de Franklin até os tempos de Herodoto.

Plinio conta que os etruscos sabiam obrigar o raio a descer do céu, e dar-lhe a direcção que lhes parecia, e que uma vez o fizeram cair sobre um monstro chamado Volta, que devastava os arredores de Volúnia; que Numa tambem sabia este segredo, que Tullo Hostilio, por ser pouco exacto observante das ceremonias instituidas pelo seu predecessor, desafiou o raio por que foi fulminado. Quanto ao meio de evocar o meteor, Plinio só falla em sacrificios, orações, &c.; podemos por tanto passar agora a outro objecto.

Criam os antigos (Plinio liv. 2.^o §. 56) que o raio nunca entrava mais de cinco pés pela terra dentro. D'aqui vinha reputarem elles asylos segurissimos a maior parte das cavernas; d'aqui vem que assim que se podia prever alguma trovoad, se retirava Augusto, segundo diz Suetonio, para um logar baixo e abobadado.

Os tubos vidrosos, produzidos pelo raio, que ás vezes descem a quarenta e seis palmos a contar da superficie da terra, mostram quanto os antigos se enganavam. Ninguem sabe, ninguem pode dizer, mesmo hoje, em que profundidade se escaparia com certeza dos raios descendentes, e com mais forte razão dos raios ascendentes.

Para augmentarem a garantia resultante da grossura da alvenaria, cantaria ou terra que cobre um subterraneo ou uma caverna natural, fazem os imperadores do Japão, a dar-se credito ao que diz Kämpfer, construir um reservatorio d'agua por cima da gruta onde se refugiam quando troveja: a agua tem por fim apagar o fogo do raio.

Em certas condições um lençol d'agua livra, com uma quasi certeza, quanto lhe fica por baixo; mas

não se conclua d'isto que os peixes não podem ser fulminados no seio das maiores massas d'agua.

Weichard Valvassor nos da noticia (*Philosophical Transactions*, tom. 16.^o) de ter caído um raio, no anno do 1670, sobre o lago Zirknitz; na paragem chamada Leuche viu-se logo boiar uma tal quantidade de peixes, que os habitantes encheram vinte e oito carros de taipaes.

Em 24 de setembro de 1772 caíu um raio em Besançon no Doubs. Pouco depois a superficie da agua appareceu coberta de peixes atordados, que boiavam a sabor da corrente.

Era uma crença muito commum na antiguidade, que as pessoas que estavam na cama e deitadas nenhum medo deviam ter do raio. Esta opinião, apesar de ser muito extraordinaria, parece ter conser-vado partidarios. Vejo, por exemplo, que Mr. Howard regista estes dois factos com particular predilecção.

Aos 3 de julho de 1838 caíu um raio n'uma casinha de campo (cottage) em Birdham, perto de Chichester. Fez em estilhas a madeira d'um leito, resolveu pelo chão os lençoes, os colchões e a pessoa que estava deitada, sem lhe fazer nenhum mal.

Em 9 do mesmo mez levou um raio, em *Great Houghton*, perto de *Duncaster*, a coberta da cama em que madame *Brook* estava deitada, e esta senhora não teve outro mal além do medo.

A estes factos opporei outros não menos authenticos. O volume 65 das *Philosophical Transactions* contém uma memoria em que o reverendo Samuel Kirkshaw dá conta de todas as circumstancias da queda do raio que apanhou Mr. Thomas Heartbley, a dormir na sua cama, em *Harrowgate* em 29 de setembro de 1772, e o matou logo. Madame Heartbley, que estava deitada ao lado de seu marido, nem sequer acordou. Todo o seu incommodo foi uma dor no braço direito, que durou alguns dias.

As cinco horas da manhã do dia 27 de setembro de 1819, caíu um raio em *Confolens* (Charente) sobre uma casa onde matou a criada que estava na sua cama. O corpo achou-se cheio de regos desde o pescoço até a perna direita.

Os romanos attribuiam ás pelles das phocas uma virtude efficaz contra os raios; e por isso faziam barracas d'estas pelles, onde as pessoas medrosas iam abrigar-se quando trovejava. Suetonio narra que Augusto, que tinha medo de raios, trazia sempre uma pelle de phoca. (Vide tom. 1.^o do antigo Panorama pag. 94.)

Nas *Cevennas*, onde por muito tempo houve colonias romanas, teem os pastores o cuidado de guardarem os despojos das cobras com que rodeiam, ainda em nossos dias, as copas dos chapéus, porque se persuadem de que isto os guarda dos raios (*Laboussière*; *Acad. do Gard.*) Está claro que as pelles de cobra, no conceito do povo, tinham outr'ora o mesmo prestimo das pelles, mais raras e mais caras, das phocas.

É mui licito por certo criticar a escolha que Augusto fizera das pelles de phocas, porque hoje mesmo não achariamos modo de as justificar nem por factos, nem pela theoria. A idéa, porém, que não póde ser indifferente, de escolher certos vestidos quando ha trovoad, em nada é contraria aos conhecimentos dos modernos ácerca da materia do raio. Poderiamos até citar muitos casos em que umas pessoas parecem ter ficado illesas e outras fulminadas, conforme eram as fazendas dos vestidos ou as materias que traziam consigo.

No dia da catastrophe de *Chateau-Neuf-les-Montiers* dois ou tres padres que estavam á roda do al-

tar caíram gravemente feridos. O terceiro, pelo contrario não soffreu nenhum damno: era o unico que tinha nas vestes ornatos de seda (1).

Os factos seguintes são ainda mais pasmosos, porque mostram que um animal tem mais expostas aos estragos do raio certas partes do corpo segundo a côr do pello que as cobre.

No principio de setembro de 1774 caíu um raio sobre um boi, em Swanborow (Sussex). Este boi, de côr avermelhada, era malhado de branco. Depois do raio notou-se com pasmo a desnudez das malhas brancas; nem um só pello conservavam, ao passo que a parte avermelhada não tinha soffrido nenhuma alteração visivel. O dono do animal contou a Mr. James Lambert que dois annos antes, outro boi malhado de branco tinha appresentado exactamente o mesmo phenomeno depois de um trovão violento.

Finalmente em 20 de setembro de 1775, tendo sido fulminado em Glynd um cavallo ruço-rodado, notou o dono que em toda a extensão das malhas brancas lhe caía o pello quasi sem se lhe tocar, e que no resto do corpo conservava a antiga adherencia.

«Tiberio, quando o céu estava tempestuoso, nunca deixava de trazer uma corôa de louro, por acreditar que o raio jámais toca n'esta sorte de folhas.» (Suetonio).

A opinião de que o raio nunca deu em certas arvores ainda tem muito quem a siga.

Mr. Hugh Maxuell escrevia em 1787 á Academia americana, que, pela sua propria experiencia, e pelas informações que havia colhido de grande numero de pessoas se julgava com o direito de afirmar que o raio cae muitas vezes no olmeiro, castanheiro, carvalho, pinheiro, algumas no freixo, e nunca na faia, betula, e bordo.

O Capitão Dibden não admittia differenças tão formaes. N'uma carta escripta a Wilson, na data de 1764, contentava-se com dizer que nos bosques da Virginia, que acabava de visitar em 1763, os pinheiros, ainda que muito mais altos do que os carvalhos, eram muito menos vezes feridos pelos raios. Não me lembro, acrescentava elle, ter visto carvalhos crescendo entre pinheiros em sitios onde estes tivessem sido fulminados. Os factos seguintes dissiparão muitas duvidas.

Criam os antigos que o raio jámais cae no loureiro? Jámais é uma expressão que não tem defeza, porque eu acho nas notas de Poinsonet de Sivry, um dos traductores de Plinio, que Sennert, que Nicomercatus, que Philippe-Jacques Sachs, referem muitos casos de loureiros fulminados.

Maxuell colloca a faia entre as arvores que o raio respeita. N'um folheto de Mr. Hericart de Thury, recentemente distribuido na Academia, vejo eu que uma faia annosa, reservada em 1835, n'um antigo córte feito no meio da matta de Villiers Cotterets, foi fulminada e quasi demolida no mez de julho do mesmo anno.

Algumas considerações theoricas tinham induzido a crer que as arvores resinosas estavam isentas do raio; todavia acaba de se vér que Maxuell mette o

(1) Todos os physicos tem reconhecido que o tafeta encerado, aseda, a lã, são menos permeaveis á materia do raio que as fazendas de linho ou outra materia vegetal. Concordam menos alguma cousa na questão de serem os vestidos molhados preferiveis aos vestidos seccos quando ha trovoadas. Nollet tentou os vestidos molhados em razão de lhe communicar a agua a propriedade que tem de ser um dos corpos que o raio prefere a outros. Franklin adopta a opinião contraria; na idéa de que os vestidos molhados devem transmittir immediatamente ao solo a materia fulminante que recebem.

pinheiro na classe d'aquellas em que mais a miudo caem raios. No já citado folheto de Mr. de Thury acho eu entre as arvores fulminadas:

Um pinheiro maritimo em S. Martinho de Thury, aos 2 de agosto de 1821.

Um pinheiro alvar em S. João de Day (Mancha), em junho de 1836.

Uma cerejeira preta brava em Anthilly, em agosto de 1834.

Uma accacia em S. João-le-Pauvre de Thury, em setembro de 1814.

Um olmeiro em Moiselles, em junho de 1823.

Carvalhos e choupos (1).

Os homens são muitas vezes fulminados em planicies descobertas. O perigo, muitos factos o attestam, é maior debaixo das arvores; o doutor Winthors concluia d'esta dupla observação, que, para escapar aos insultos do raio, quando colhe alguém d'improviso em raso campo, o melhor é collocar-se a pessoa a pequena distancia d'alguma arvore alta; por pequenas distancias entendia elle todas as comprehendidas entre vinte e dois e meio a vinte e oito e meio palmos. Seria ainda mais favoravel a estação que satisfizesse as mesmas condições de distancia em relação a duas arvores visinhas. Franklin approvava estes preceitos. Henley, que tambem os cria fundados na theoria e na experiencia, sómente os modificava no caso de haver só uma arvore, recommendando que se collocasse a pessoa, relativamente ao tronco principal, os vinte e dois e meio a vinte e oito e meio palmos além da vertical que passasse pela extremidade dos ramos mais compridos. (Continúa.)

O SANCTO ESTYLITA E O MEDICO SANCTORIO

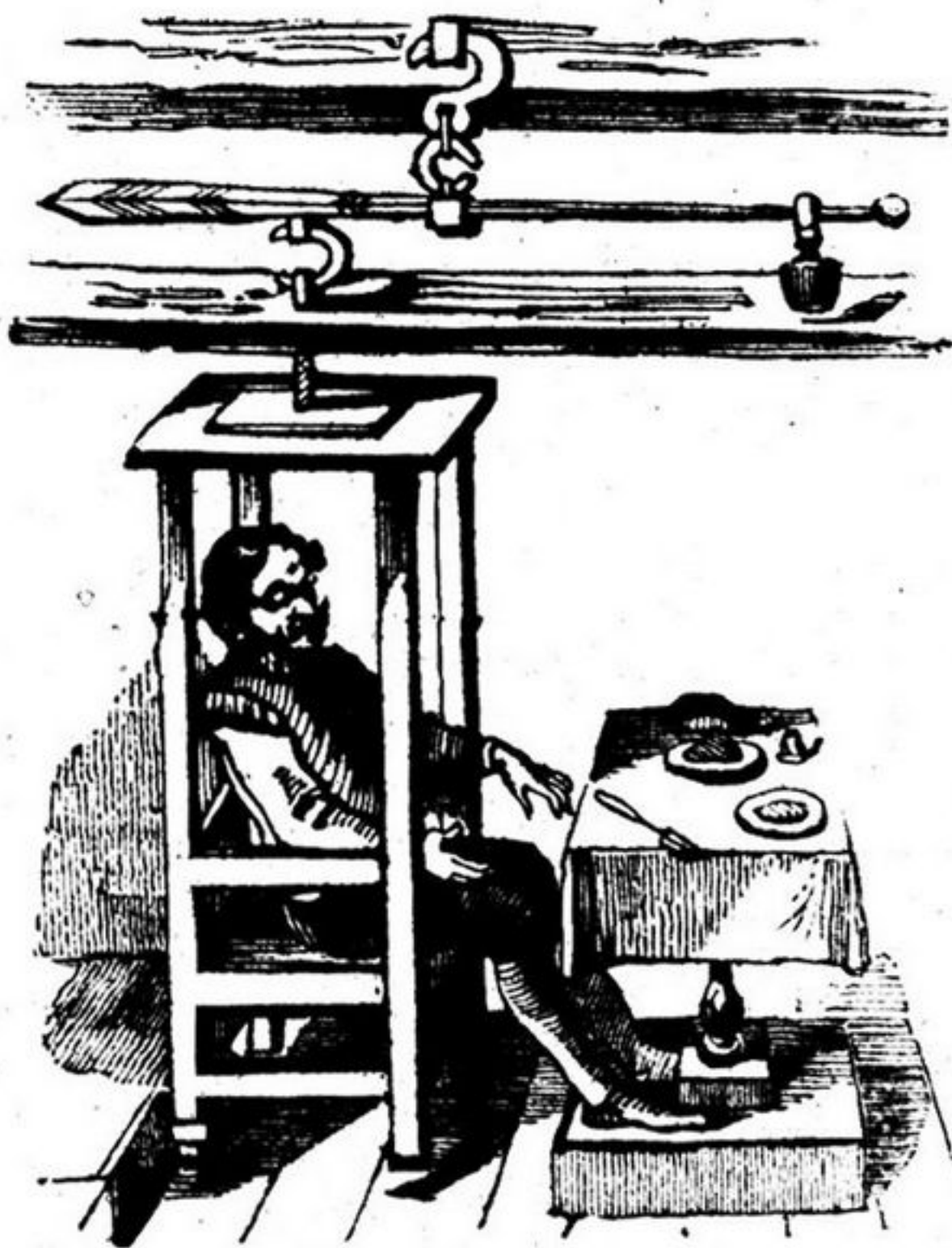
S. SIMEÃO, o estylita, foi um anachoreta do V seculo; deram-lhe aquella antonomasia de uma palavra grega, que significa *columna*. Houve outro do mesmo nome no VI seculo. Aquelle de que tractamos submetteu-se por longos annos a permanecer assentado no alto de uma columna sita n'uma das mais elevadas montanhas da Syria. — Sanctorio foi um medico italiano do XVI seculo, que passou uma grande parte da vida pendurado n'uma balança. — O amor de Deus e a vida contemplativa eram os incentivos de S. Simeão; o amor da sciencia e o bem da humanidade eram os de Sanctorio.

Simeão nascêra perto de Antiochia: ha d'elle uma carta a Basilio, bispo d'essa cidade. Morreu em 461, de 69 annos. Theodoro, bispo de Tyro, escreveu o resumo da vida d'elle. — Para se desapegar inteiramente das paixões humanas e das preocupações terrenas, para se libertar completamente da escravidão dos sentidos, para converter o pensamento a encaminhar-se exclusivamente a um ponto unico, Deus, o amor infinito ou a perfeição, para reduzir-se quanto possivel fosse ao estado immaterial, Simeão sujeitou-se espontaneo ao extraordinario supplicio de viver noite e dia sobre o acanhado topo de uma columna solitaria, exposto a todas as intemperanças das estações, e absorvido n'uma continua oração. Na primeira idade do christianismo, durante os horribes desastres que abysmaram o imperio romano, observou-se que o recio do mundo, a abnegação dos sentidos, a propensão para a mystica contemplação de Deus, se apoderou de grande numero de almas, excitando-as a largar a sociedade dos homens, e impellindo-as para a solidão. Sob a independencia é que se formou a Thebaida; os logares mais ermos, as cavernas inac-

(1) Vid. Panorama, vol. 3.º, serie 2.ª, pag. 158.

cessiveis convidavam á contemplação estes desterrados voluntarios, que não toleravam por testemunhas de suas austeras penitencias senão os animaes bravios. Alguns homens insignes, como S. Jeronimo, allumiam com a luz de seu genio estes logares solitarios. A Igreja usou da sua auctoridade para reprimir o excesso d'esta tendencia, que nada menos importava que o retrocésso da civilisação, já tão perturbada em seu caminho, para os extremos limites da barbaria. Nas suas exhortações insistiu de mais a mais n'estes principios de fé: — que a oração, isto é, a communição directa com Deus, o solitario impulso do coração para a infinidade, não é bastante para merecer as recompensas reservadas aos justos. Ha uma estrada de aperfeiçoamento, de elevação a Deus, não menos segura e não menos necessaria; é a charidade, o amor do proximo. Amar a seus semelhantes, tomar parte nos seus trabalhos, perigos e afflicções, é multiplicar a faculdade de amar a Deus. O amor é como o fogo, mais se dilata mais se eleva. — N'aquella religião dos anachoretas entrava muito egoismo e pusillanidade; sumir-se no deserto para fugir ás paixões não é vence-las. Os mosteiros foram uma criação intermediaria, e que recolheu pelo menos a cella para o centro da sociedade.

A vida de Sanctorio transporta-nos para outra ordem de pensamentos; entrámos no dominio da intelligencia e das suas applicações, abstrahindo da fé religiosa. Este sabio medico nasceu em Capo d'Istria, em 1561. Primeiramente foi professor em Padua, e depois estabeleceu-se em Veneza. A maneira original por que mostrou a sua devoção á sciencia contribuiu ainda mais para a sua celebridade que a utilidade real de seus trabalhos. Estava persuadido que a saude e as doenças dependem muito dos phenomenos da transpiração insensivel, que se effectua pelos poros do corpo. Quiz calcular a quantidade exacta do fluido que se evade por esta transpiração: para alcançar isto, punha-se n'uma balança de sua invenção e depois de haver pesado os alimentos e bebi-



da de que carecia para vinte e quatro horas, comparava o pezo com o das excreções sensiveis do corpo; e pretendia assim determinar o pezo e quantidade

da transpiração insensivel, e a sua relação com os alimentos que a augmentam ou a diminuem. Achou, por exemplo, que se n'um dia se comer e beber a quantidade de oito libras, saem perto de cinco pela transpiração insensivel. O livro onde consignou os resultados das suas experiencias foi traduzido em francez com este titulo: *Medicina statica de Sanctorio, ou Arte de conservar a saude pela transpiração.*

Sanctorio falleceu em 1636: foi sepultado no claustro dos servitas, e na igreja d'estes frades lhe erigiram estatua. Legou uma quantia annual ao collegio dos medicos de Veneza, que por gratidão manda todos os annos recitar por um de seus membros o elogio do testador.

UM ANNO ENTRE OS MORLACOS.

As nupcias dos morlacos têm grande semelhança com as dos povos limitrophes. Se n'uma familia ha muitas donzellas, casa sempre primeiro a mais velha, a menos que não tenha alguma enfermidade que a condemne ao celibato. O meu patrão casou uma filha no tempo em que fui seu hospede. Eis-aqui como foi o caso.

Os *svati*, nome que dão aos amigos que acompanham o noivo, chegaram a cavallo e bem equipados; rabos de pavões em cima dos barretes formavam elegantes pennachos. Armados de ponto em branco, como que estavam de sobre aviso, menos por necessidade que por se conformarem a um rito antigo. Em tempos remotos, não eram raras entre os morlacos as mesmas contendas que, segundo a fabula, perturbaram as nupcias de Pirithoë pelo combate entre os centauros e os lapithas. Se havia muitos pretendentes á mão de uma rapariga, disputavam-n'a por accommittimentos de agilidade e destreza, ou por vivacidade de espirito, e não poucas vezes resultavam scenas sanguinolentas. Sobre este assumpto existe um antigo poema illyrico. O vaivode (caudilho) Janco de Sebigne pedira em casamento Jagna de Temeswar: os irmãos da noiva, depois de o haverem embriagado, propuzeram-lhe um jogo de habilidades, com a condição de que teria a concessão da noiva se gauhasse, e a morte se perdesse.

— « Em primeiro logar (reza o poema) cravaram no chão uma lança com um pomo na ponta, e disseram-lhe sorrindo: Janco, esta maça te servirá de alvo; se a tua setta a não atravessar, cairá tua cabeça em paga do arrojio. — Janco saiu-se bem da primeira prova; propuzeram-lhe outras duas. Ordenaram-lhe que galgasse só de um salto nove cavallos postos adiante d'elle. A final foi obrigado a reconhecer a sua noiva entre nove donzellas cobertas de véus. Permittia o uso ao noivo ser substituido por alguém que quizesse sujeitar-se ás horriveis alternativas do máu exito. Zéculo, sobrinho de Janco, fez as provas em logar d'elle; galgou com effeito os nove cavallos. A terceira era a mais difficil, porém o mancebo saiu-se d'ella mui engenhosamente. Conduzido perante as nove donzellas, estendeu por terra o seu capote, lançou-lhe um punhado de aneis de ouro, e disse com voz anteagadora: — Chega-te e apanha esses aneis, ó virgem amavel, que estás promettida a Janco. Se outra qualquer ousar estender o braço, de um só golpe d'esta cimitarra lhe deceparei a cabeça. — Esta proposta nada cortez intimidou oito das raparigas; porém a pretendida de Janco não hesitou, colheu os aneis, e por esse meio artificioso foi por Zéculo reconhecida. » — Ainda ha baixos-relevos grosseiros que representam d'estes usos. Voltemos ao casamento da filha do meu patrão.

Depois da benção nupcial, observou-se uma cerimonia que outr'ora os romanos praticavam. Appresentou-se á desposada uma cesta com amendoas e nozes; distribuiu-as primeiro aos *svati* ou companheiros do marido, e atirou com o resto aos mais circumstantes, para symbolisar que na sua casa haveria sobras.

No primeiro dia a noiva comeu em mesa separada com as pessoas de seu sequito, e o noivo n'outra com seus companheiros. O banquete foi ao inverso do que se adopta em nossos jantares: começaram pelas fructas e queijos, e acabaram pela sopa. As mulheres comeram em mesa á parte.

Entre as viandas accumuladas com prodigalidade achavam-se cordeiros, cabritos, aves caseiras, e caça; porém nada de vitella: não usam d'ella os morlacos que não tem adoptado usos estrangeiros. Tal aversão á vitella data de tempos remotos: S. Jeronymo, que era dalmata, já faz menção d'ella.

Os festejos nupciaes duraram por muitos dias; em cada um d'estes appresentavam a cada convidado uma bacia para lavar-se, na qual devia deixar alguma moeda. Este dinheiro é para a desposada, que tem o cuidado de augmentar o pequeno peculio, aposando-se dos barretes e facas de matto dos assistentes, que são obrigados a resgate. Cada convidado tambem faz sua dadiva voluntaria; e por tal modo se dobra o dote, que consiste em feto e cabeças de gado vacum.

Depois da comida dança-se e cantam-se trovas com allusões a certas divindades pagãs, cujas memorias o christianismo não tem podido apagar.

O mais extravagante costume precedeu a despedida da noiva da casa paterna. O pai e a mãe, entregando a filha ao genro, fizeram a este uma exaggeração comica das ruins manhas d'aquella. « Não tens miolos em levar tão intractavel creatura; mas se emfim queres carregar com ella, sabe que para nada presta, é caprichosa, birrenta, &c. » Mas até aqui a cousa não vai mal, porque taes cumprimentos são do estylo; a resposta do marido é que é pouco edificante, sendo bem sabido que os morlacos não são homens que faltem á palavra. « Pois sim (diz para a esposa), se tens esse máu genio, eu te chamarei á razão, e já te mostro de antemão a força do meu pulso. » Seguem-se gestos de lhe bater, e ás vezes não pára em gestos. Estas maneiras brutas passam entre os povos illyricos, como entre os russianos, por demonstrações de amor; as mulheres querem antes levar pancada do que vér que os maridos fazem pouco caso d'ellas.

A occupação ordinaria dos morlacos na tenra idade é pastorear os rebanhos nos mattos e serras; e ali aproveitam as suas horas de vagar em abrir diversas esculpturas em madeira, sem mais instrumento que uma navalha; as quaes se parecem com as grosseiras figuras d'animaes que fabricam de lenhos resinosos os pastores da Suissa, e que os bufarinheiros compram por atacado, e revendem por vil preço até em Paris. Os rapazes morlacos fazem tambem taças e assobios com labores curiosos.

O sustento habitual d'este povo compõe-se de leite e lacticinios de toda a casta. Fermentam o leite com vinagre e obteem assim uma beberagem refrigerante; o seu prato mais estimado consiste em queijo frito em manteiga. A galeta ou bolo chato que lhes serve de pão é fabricada de mistura de farinha de milho miúdo e grosso, de cevada, e de trigo quando e podem haver: tudo amassado e cosido debaixo do bortalho. Fazem tambem grande consumo de raizes e de hortaliças. Decidem-se por assados de carnes com um gosto que nem sempre podem satisfazer. Tem o que se póde chamar paixão por cobollinhas

e alhos; e por isso um morlaco se denuncia de longe pelas exhalações da sua iguaria estimada. É fóra de duvida que o uso diario d'esses vegetaes corrige em parte a ruim qualidade das aguas dos lameiros e dos arroios encharcados, onde os habitantes de muitos districtos são obrigados a ir no verão buscar a bebida. Os mesmos vegetaes concorrem talvez para a saude e robustez do povo. Acha-se nos morlacos grande numero de velhos ainda frescos e bem dispostos; pelo que, a despeito d'Horacio, dão-me venetas de prezar o alho. E quem acreditaria que os morlacos, por descuido seu, se fazem tributarios d'estranhos por um genero cuja cultura lhes seria mui facil? Mandam vir annualmente, de Ancona e Rimini, as restas d'alhos por milheiros de piastras.

Quanto á idade avançada a que chegam estes povos seria difficultoso fixa-la ao certo: a maior parte ignoram a data precisa de seu nascimento, que pouco lhes importa comprovar. E como, passado certo periodo, a garridez que inclinava a diminuir a idade converte-se em basofia de augmenta-la, póde reputar-se que muitos dos inculcados centenarios não terão mais de oitenta annos. Além de que não ha um só que tenha, como o illyrico Dando citado por Plinio, a pretensão de haver vivido quinhentos annos.

Aconteceu fallecer um visinho nosso. N'essa manhã acordou-me o prantear das carpideiras, porque na morte dos morlacos paga-se, conforme a riqueza dos herdeiros, a certo numero de mulheres para aquelles lamentos. Pela primeira vez testemunha de uma cerimonia lugubre d'este genero, informei-me das qualidades do defuncto que, segundo parecia, inspirava tão fundas maguas. « Ai, senhor! (me respondeu uma carpideira) bem vêdes que era uma pessoa rica, e os seus herdeiros não olham a gastos. »

Porém antes de descrever as tristes ceremonias, examinemos o regimen dos morlacos durante a doença que os leva á cova. Digo a doença, porque a robustez do seu temperamento lhes não permite conhece-las senão de uma casta; e são as molestias inflammatorias em consequencia de transpiração impedida apoz os violentos exercicios que esta gente faz em seus bailes. Tal foi a infelicidade do defuncto de que fallo. Como a maior parte dos morlacos, não chamou facultativo, tractou de se curar a si proprio. O primeiro medicamento a que recorreu foi uma farta dose de aguardente com infusão de pimenta e polvora bombardeira. Nada omittiū que podesse provocar abundante suor; pôz em cima de si quanto fato poude haver á mão, e appresentou-se deitado de costas á torreira do sol. Para recobrar o appetite engoliu muito vinagre; e a final applicou sobre uma ferida, que fizera caíndo, um pouco de ocre avermelhado. Feito isto os mezinheiros e os curandeiros tomaram posse d'elle. O principal remedio foi o que lhe serve para todas as molestias, assucar: até quando estava já agonisante lhe fizeram engolir grandes pedaços, afim (diziam elles) de lhe adoçar o amargor de seus ultimos momentos.

Logo que o morlaco succumbiu ao excesso do mal, toda a sua familia, reforçada, como acabámos de dizer, pelas carpideiras assalariadas, fez retumbar na casa seus prantos. Os amigos do defuncto chegaram-se ao corpo, e, fallando-lhe com toda a seriedade, o incumbiram de recados para o outro mundo. — Vinda a hora do enterro, cobriram o cadaver com um lençol branco e o transportaram á igreja. Mal o deixaram debaixo da terra, voltou o acompanhamento a casa junctamente com o cura; ali se renovaram as rezas, a que se seguiu um grande banquete, no qual a maioria dos convidados perderam o uso da razão.

O lacto dos homens consiste em deixar crescer a

barba a trazer uma carapuça azul ou róxa: as mulheres amarram na cabeça um lenço azul ou preto, e escondem com farrapos de panno preto aquellas porções do vestuario que são de cor encarnada. — No primeiro anno immediato ao fallecimento, as mulheres da familia vão, todos os dias de festa, fazer novas lamentações, e espalhar sobre a cova flôres e hervas cheirosas. Se alguma imperiosa circumstancia as constringe a faltar a este pio dever, teem o cuidado de vir depois dar suas desculpas ao defuncto e explicar-lhe a falta, como se fôra capaz de ouvir-as. Perguntam-lhe tambem novas do outro mundo, e fazem a este respeito os mais extravagantes interrogatorios. Estes discursos aos finados não se repetem em tom natural da voz, mas lamentoso e compassado, como uma lição.

Deu-me na vontade vestir-me por algum tempo á moda dos morlacos. Eis-me, por tanto, com um alto carapuço de felpa, caíndo-me os cabellos sobre o cachoço; a minha vestia e as calças são brancas com guarnições azues; d'uma cinta de couro pendem uma faca e uma bolsa de tabaco; as minhas polainas são de lã grosseira e branca, orladas na extremidade superior e abertas aos lados. Nunca saio sem o meu trem militar; uma especie de chale comprido ageita-se com elegancia sobre o meu hombro esquerdo, e quando me é preciso embrulho-me n'elle como n'um cobertor.

As mulheres toucam-se com um lenço branco deixando as duas pontas caídas por detraz, guarnecidas de laços de fitas azues e encarnadas: as das cidades trazem por toucado um *passolat*, que é de estofado branco pintado de flôres com seus bordados de fio de ouro ou de prata.

As solteiras trazem barretinhos vermelhos enfeitados de moedas e de conchinhas, principalmente da especie que chamam porcelanas (*cypera moneta*) que servem de dinheiro n'algumas partes da India.

As camponezas morlacas, muito laboriosas, fazem algumas vezes longas jornadas, levando á cabeça uma trouxa mui pezada, e ás costas uma creança; estes dois pezos não lhes vedam de irem fiando na roca, para distrahir o enfado do caminho, ou para não perder tempo.

Quasi que não ha pessoa dos morlacos que deixe de acreditar nas almas do outro mundo, em todos os prestigios de bruxaria, e nos vampiros que chupam o sangue das creanças. O mais intrepido toma as de villa-diogo á vista de qualquer objecto que se lhe affigurar um espectro ou um trasgo. A sua ardente imaginação e espirito naturalmente credulo multiplicam estas apparições: o mais singular é que não se envergonham de taes medos, e desculpam a sua covardia com um adagio illyrico, que corresponde ao verso de Pindaro, que diz: «O temor dos phantasmas faz fugir até os filhos dos numes.» — As mulheres muito mais propensas á superstição do que os homens, chegam ao excesso de se capacitarem que são feiticeiras. As bruxas attribuem cousas fóra de todo o grau de credibilidade: dizem que ellas fazem perder o leite ás vacas dos visinhos para augmentar o das suas.

Direi um conto que me referia Pedro, o meu velho. — Narrava elle que estando uma noite deitado na mesma alcova com um mancebo morlaco, não dormia e viu claramente duas feiticeiras que abriram o corpo do moço para lhe tirar o coração e assa-lo para comer. O rapaz, acordando, sentiu o sitio do coração vasio: n'este momento devia acabar o feitiço; e as bruxas voaram deixando em cima das brazas o guizado. Pedro, que até alli se não bolira, porque estava embruxado, pôde então saltar da ca-

ma, e appressou-se o salvar o coração do companheiro, tirando-o do lume, e fazendo com que o engolissem; o rapaz, como é bem de crêr, sentiu logo a vida tomar o seu lugar. —

Os morlacos trazem sempre *zappis* ou talismans cosidos nos barretes; tambem os penduram nos cornos do gado. Por insignificante que seja um successo fortuito, que pareça provar a utilidade d'aquelles amuletos, todos logo bradam que foi milagre. Até os turcos, levados do exemplo, compram aquelles bugiarias; e a exportação dos talismans é para os padres ignorantes dos morlacos consideravel objecto de negocio. — Attribuem tambem propriedades milagrosas a algumas medalhas ou moedas, ou do Baixo-Imperio, ou cunhadas em Veneza na idade media: confundem-n'as sob a denominação de medalha de Sancta Helena. Igualmente veneram muito as medalhas hungaras, chamadas *petizze*.

BERNADOTTE, REI DE SUECIA.

FILHO de um advogado de Pau, João Baptista Julio Bernadotte nasceu n'aquella cidade a 26 de janeiro de 1764. Seu pai o destinava á sua profissão, mas o animo franco do mancebo não quadrava com as disputas furenses; o que ambicionava era o movimento das campanhas e a gloria das batalhas. Contudo não lhe era favoravel a occasião, porque a nobreza occupava todos os postos militares, e chegando a ajudante o plebeu não tinha que esperar adiantamento.

Quasi sempre os homens celebres teem a consciencia do que hão de valer no futuro, e as dificuldades que lhes embarçam os primeiros passos não servem senão de os estimular mais. O mancebo Bernadotte fugiu da casa paterna e alistou-se n'um regimento da marinha, affiançado pelo magistrado de um municipio visinho. Passou-se isto em 1780; e d'ahi a nove annos ainda Bernadotte não tinha subido de sargento; mas d'então por diante fez rapidos progressos, e em 1792 foi promovido a coronel. O exercito tinha perdido os seus commandantes; uns tinham saído do territorio francez, outros tomado armas contra a republica. Mocidade sem experiencia, sem instrução militar, ás vezes mal armada e equipada, pela maior parte roubada a suas familias, taes eram os defensores que a Commissão de Salvação publica encarregára de manter as fronteiras. Em meio d'este exercito, levantado á pressa, é que Bernadotte, já coronel, fez a sua primeira campanha ás ordens de Custine: as suas proezas lhe adquiriram logo justa reputação, mas a independencia de character o fez alvo do resentimento dos representantes do exercito do povo. Com effeito, teve por vezes de lutar com elles, e então não hesitava em provar-lhes que eram ineptos. Depois, arrancando as dragonas, só requeria a espingarda de soldado e permissão de verter o sangue em defeza da França. — A brigada Goguel amotinou-se contra o general d'este nome, e iam mata-lo, porém Bernadotte, indignado, lançou-se no meio dos amotinados e arrancou-lhes a victima. Este nobre procedimento desagradou tambem aos representantes, que o denunciaram por aristocrata, e esperavam que a Commissão de Salvação publica expedira contra elle ordem de aresto e restituição. Finalmente o inimigo atacou os postos avançados, e Bernadotte, repellindo-o, fez prodigios de valor; não ousaram por tanto prender o vencedor. A commissão substituiu o aresto por uma patente de general de divisão: Bernadotte rejeitou-a, e só depois de haver poderosamente concorrido para a victoria de Fleurus é que accitou

as dragonas de general de brigada, que lhe foram conferidas no proprio campo da batalha.

Entretanto a republica consolidou-se, e os generaes não tiveram que lutar senão contra inimigos externos. Bernadotte proseguia na sua gloriosa carreira; passou o Rheno, pelejou por tres semanas, e mereceu pela valentia elogios do Directorio. Pouco depois foi destacado com um corpo de 20:000 homens para o exercito da Italia. Então começou a carreira politica de Bernadotte: está ás ordens de Buonaparte; a amizade não ligára estes generaes; o bernez adivinhára a profunda ambição do seu commandante, e sendo com todas as veras afeiçoado á republica, deplora uma ruina que reputa imminente e certa. Como quer que fosse, Buonaparte, que sabia melhor que ninguem fazer justiça ao tino militar, confiára o commando da vanguarda a Bernadotte. Não cabe n'uma breve noticia fallar das peritas manobras d'este general, e dos brilhantes feitos que fundaram e augmentaram a sua fama. Vencedor em muitas partes, Bernadotte, depois de ter posto em apuro o principe Carlos, e de lhe haver tirado das mãos a fortaleza de Gradisca, achou-se encarregado pelo Directorio de instrucções verbaes para o general em chefe, e o tratado de Campo Formio pouco depois foi assignado.

Dissensões, cuja causa é mal conhecida, não tardaram a desunir os generaes Buonaparte e Bernadotte; este chegou a demittir-se do commando que lhe confiára o Directorio, e procurou servir na India ou em Portugal; em summa, queria afastar-se do general Buonaparte. Passaremos em silencio os enfados e desgostos com que largamente mimosearam Bernadotte durante a sua embaixada de Vienna para onde fôra nomeado no mez de abril de 1798: muitos auctores accusam Buonaparte de não ser estranho a esses mexericos. Bernadotte, ao voltar a França, casou com M.elle Desirée Clary, filha de um rico negociante de Marsella. Napoleão Buonaparte a tinha pedido annos antes, quando ainda era general de artilheria, e não a podéra obter, porque Mr. Clary, segundo referem alguns biographos, assentava que era de sobejo um Buonaparte na sua familia, tendo com effeito casado outra sua filha com José, irmão de Napoleão. Era grande o merecimento de Bernadotte para que o deixassem muito tempo sem emprego; foi por tanto chamado ao ministerio da guerra. A guarda nacional reorganizada, a remonta de 40:000 cavallos, as fronteiras reforçadas com 100:000 homens de novas levás, taes foram os felizes resultados da breve administração de Bernadotte. Mas a republica tocava no seu occaso, e dentro em pouco Sieyès podia exclaimar com razão que a França achára um senhor.

Bernadotte lutou até o ultimo momento contra a ambição de Buonaparte; porém, quando viu derribado o Directorio, cedeu tambem, e com prudencia desempenhou os novos encargos que acabavam de lhe ser commettidos. Principalmente como commandante geral nas provincias d'oeste é que Bernadotte merece estudado; ora guerreiro contra os inglezes, ora pacificador impedindo a renovação da guerra civil, triumphou em Quiberon, e com uma só victoria segura a provincia contra as invasões do inimigo e as rebelliões dos habitantes. Então assentou Napoleão que não tinha mais a fazer que encher de mercês tão illustre general e liga-lo á sua fortuna. Bernadotte foi successivamente nomeado marechal do imperio desde a criação d'esta dignidade (19 de maio de 1804), chefe da oitava cohorte da legião d'honra, e governador de Hannover. Esta commissão em Hannover tinha dois motivos; arredava-se um homem que havia muito tempo se fizera estimado do exercito, e que por tendencia republicana não pudéra ainda submet-

ter-se ao despotismo imperial; além d'isso empregava-se o talento de um prudente pacificador n'um paiz quasi exausto pelas guerras. Bernadotte partiu sem pena, porque desesperava da França, que, no seu pensar, não podia viver senão sob a era gloriosa da republica. No entanto a sua administração d'Hannover deu os mais prosperos fructos ao imperio; e quando foi chamado para a memoravel campanha de 1805, Napoleão deu a Bernadotte o mando do primeiro corpo do grande exercito composto de tropas hannoverianas. Já estes soldados tinham assignalado o seu valor, porque Bernadotte á sua frente tinha feito recolher o eleitor de Baviera á sua capital, e concorrêra para a tomada de Ulm, sopeando os russianos por tres dias inteiros. Na batalha de Austerlitz o marechal se distinguiu novamente, e geralmente lhe attribuem grande parte n'esta victoria; foi recompensado com a soberania e titulos de duque e principe de Ponte-Corvo, que lhe conferiu o imperador.

(Continúa.)

VELOCIDADE DA LUZ.

A VELOCIDADE com que a luz atravessa o espaço foi calculada pelos geometras em setenta e nove mil quinhentas e setenta e duas leguas por segundo (de 2:000 toezas cada legua), em quanto que a velocidade do som não passa de 325 metros ou 25 braças. A velocidade da luz é por tanto novecentas mil vezes maior, segundo Euler, que a do som, e a faz correr n'uma hora o espaço que uma balla de artilheria andaria em perto d'um seculo. E como o sol dista da terra trinta e nove milhões e duzentas e vinte e nove mil leguas gasta a luz solar oito minutos e treze segundos para chegar á terra, e a luz das estrellas que lhe ficam mais proximas, mas que assim mesmo distam de nós mais de duzentas mil leguas, gasta quasi quatro annos para cá nos chegar; de sorte que evidentemente vemos os astros na posição em que estavam quatro annos antes. O mesmo espaço que as estrellas mais remotas distam da terra faz com que a sua luz careça d'alguns milhões de seculos para chegar ao nosso planeta.

OS POLITICOS.

TEMPOS houve em que os demonios fallavam, e o mundo os ouvia; mas depois que ouviu os politicos ainda é peor o mundo. VIEIRA — Sermões.

A Empresa d'este Jornal hesitou por algum tempo sobre se levaria por diante a sua publicação além do n.º 26, ou se a suspenderia como têm feito as de outros periodicos litterarios de muito menor costeamto. Resolveu-se comtudo a continua-la, arriscando-se a nova perda, cuja extensão só póde avaliar quem tiver conhecimento de empresas semelhantes. Findando porém as assignaturas de semestre no referido n.º 26, os senhores que quizerem renova-las ou assignar de novo o poderão fazer na typographia do mesmo Jornal, Largo do Contador-Mór, n.º 1 A, ou na loja de livros da Sr.ª Viuva Henriques, rua Augusta, n.º 1.

Afalla, por ausencia, de um dos principaes redactores, que teve lugar depois da publicação do n.º 7, vai ser supprida por outro, a contar do n.º 27.

Não deve a Empresa perder esta occasião de se queixar amargamente da protecção negativa que tem recebido de quem se acha encarregado da parte litteraria do Diario do Governo, e que tão sollicito ha sido em se aproveitar dos artigos do Panorama, quanto descuidado em o citar.